

Movimento fictivo no português brasileiro: Uma abordagem construcionista

Aline Bisotti Dornelas
Luiz Fernando Matos Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: *O presente estudo tem como objetivo descrever e analisar, por meio de dados coletados em corpora do português brasileiro, as Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil, como “Essa estrada vai para o Rio de Janeiro”, em que um verbo de movimento faz parte da descrição de uma cena estática. O escopo teórico utilizado provém da Linguística Cognitiva (TALMY, 2000; KÖVECSES, 2006) e dos Modelos de Gramática Baseados no Uso (LANGACKER, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006). Foram encontrados dois padrões dessas construções no PB: [XSN YV (WSP)] e [XSN YV ZSN (WSP)], que evocam domínios de espaço, dimensão, localização, formato, posição, direção e área, em ambientes discursivos de instrução, explicação e descrição.*

Palavras-chave: *Linguística Cognitiva. Movimento Fictivo. Gramática Cognitiva. Fictividade.*

Title: *Fictive motion in Brazilian Portuguese: a constructional approach*

Abstract: *This study aims at describing, through analysis of data collected in corpora, the fictive motion constructions in Brazilian Portuguese, as “Essa estrada vai para o Rio de Janeiro”, in which a verb of motion is part of the description of a static scene. The theoretical scope used comes from Cognitive Linguistics (TALMY, 2000; KÖVECSES, 2006) and Usage-based Models of Grammar (LANGACKER, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006). Two patterns of these constructions were found: [XNP YV (WPP)] and [XNP YV ZNP (WPP)], that evoke conceptual domains of space, size, localization, shape, position, direction and area and occur in discursive environments of instruction, explanation and description.*

Key-words: *Cognitive Linguistics. Fictive Motion. Cognitive Grammar. Fictivity.*

Introdução

O presente artigo traz o estudo das Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil (CMF), como “Essa estrada vai

para o Rio de Janeiro”, “A ferrovia percorre várias cidades” e “A fila dava uma volta completa no quarteirão”, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva (TALMY, 2000; KÖVECSES, 2006) e dos Modelos de Gramática Baseados no Uso (LANGACKER, 1999, 2008; GOLDBERG, 1995, 2006). Essas construções apresentam uma aparente incoerência, já que em todas elas há um verbo de movimento que tem como argumento externo algo estático: extensões ou outros objetos conceptualizados como trajetória. Tal incoerência não se mantém na língua em uso, como foi observado por este e outros estudos sobre o movimento fictivo (em inglês e espanhol). As construções analisadas são frequentemente utilizadas pelos falantes, possuindo forma, sentido e usos próprios.

Os objetivos desse estudo envolvem a descrição das Construções de Movimento Fictivo no Português do Brasil quanto aos padrões estruturais, polo conceptual, dimensão pragmática e ambientação discursiva. Ou seja, almejamos desvelar os processos cognitivos subjacentes ao uso dessas construções, conhecer como e para que são utilizadas e estabelecer a relação de sua utilização com os ambientes discursivos nos quais emergem. Para isso, contamos com o auxílio da Linguística de *Corpus* como metodologia. Os dados coletados são provenientes de quatro *corpora* do Português do Brasil: Corpus do Português, NILC/São Carlos, NURC-RJ e C-ORAL Brasil. Os dados analisados são de natureza oral e escrita, em gêneros discursivos e tópicos variados. Através dos dados encontrados nesses *corpora*, foi constituído um *corpus* específico contendo as Construções de Movimento Fictivo encontradas.

Ao todo, foram encontrados 536 exemplares da construção. Desses, 362 são referentes ao padrão [XSN Yv (WSP)] - Construção de Movimento Fictivo Direcional -, sintagma nominal, verbo de movimento, que pode vir ou não modificado por um ou mais sintagmas adverbiais, seguido ou não de um ou mais sintagmas preposicionais direcionais. Desses, 10 exemplares são um subtipo com verbo suporte, [XSN Ysv_{complexo} (WSP)]. As outras 164 construções possuem padrão [XSN Yv ZSN (WSP)] – Construção de Movimento Fictivo Transitiva. Desse

total, 60,07% apresentam interação com construção adjetiva. Esse fato traz uma importante conexão entre discurso e cognição na formação das construções de movimento fictivo, que são utilizadas principalmente para descrever as extensões que as instanciam em ambientes discursivos de instrução e explicação de rotas, localização de referentes e detalhamento de espaço físico.

Esse estudo, portanto, tem como foco principal elucidar a visão da Linguística Cognitiva sobre os processos de produção e compreensão da linguagem através da interpretação sociocognitiva das Construções de Movimento Fictivo do português do Brasil. Antes da descrição e análise das construções estudadas neste artigo, serão pontuadas algumas noções teóricas que contribuem para o entendimento do objeto em estudo ao mesmo tempo em que abrem espaço para um fenômeno pouco explorado no português do Brasil: a fictividade linguística.

Movimento fictivo e fictividade

A perspectiva da Linguística Cognitiva caracteriza-se por evidenciar o caráter experiencial da linguagem. A construção linguística se dá através de processos cognitivos de conceptualização, categorização, mesclagem conceptual, projeção, metáfora, fictividade e do conhecimento de estruturas cognitivas socialmente construídas. Gallese e Lakoff (2005) argumentam que a tese da linguagem corporificada tem tido cada vez mais apoio em pesquisas no campo das neurociências. Os autores colocam que através dos resultados dessas pesquisas é possível assumir que ao imaginar, observar ou compreender uma ação, o substrato neural ativado é o mesmo de quando praticamos a ação.

Os resultados de um estudo relacionando compreensão de expressões de movimento – literal, fictivo e metafórico - e atividade neural, de Cacciari (2011) e colaboradores, corrobora com essas afirmações. O estudo demonstrou que o substrato neural ativado na compreensão de tais expressões é

correspondente à área cerebral ativada pelo movimento dos músculos das pernas.

De acordo com Rocha (2011), os estudos na Linguística Cognitiva abrangem instâncias da fictividade tais como: entidades fictivas¹; movimento fictivo – o objeto da presente pesquisa –; mudança fictiva – uma cena é conceptualizada como tendo sofrido mudança física, como em “A casa ficou maior depois que ela partiu” –; e ato de fala fictivo – ironias e perguntas retóricas.

Langacker (1999) coloca que há vários graus de afastamento de descrições diretas daquilo que é efetivo e que as formas abstraídas da experiência são fundamentais para a linguagem, como as expressões fictivas, que possibilitam a comunicação em domínios mais abstratos e complexos. O fenômeno se manifesta por meio de pistas linguísticas que estão apenas indiretamente vinculadas a seus referentes pretendidos, sendo que cenários concebidos como “não verídicos” são frequentemente apresentados pelos usuários da língua com o propósito de obter acesso mental aos cenários efetivos (PASCUAL, 2006). De acordo com Langacker (1999), o movimento fictivo é o caso mais evidente de fictividade, sendo possibilitado pelo movimento subjetivo do conceptualizador ao longo da extensão, que desencadeia um processo de escaneamento mental.

O movimento fictivo surge nos estudos da Linguística Cognitiva como uma das mais exploradas instâncias da fictividade. Primeiramente, esteve presente em explanações teóricas como nos estudos de Talmy (2000), apresentando vasta tipologia, e Langacker (1987, 1999, 2008), em que o autor explica que as expressões de movimento fictivo são possibilitadas por um processo cognitivo em que o conceptualizador move-se subjetivamente ao longo da extensão através de escaneamento mental para que esta, assim, seja conceptualizada como uma trajetória.

¹ As entidades fictivas são nomes empregados em afirmações genéricas, categoriais, como a referência à categoria ursos no enunciado “Ursos são animais selvagens”.

Domínios e perspectivação conceptual

Langacker (2008) traz o conceito de domínios como estruturas conceptuais básicas e não básicas, adquiridas e construídas através da combinação da experiência humana com o aparato cognitivo disponível. Segundo o autor, esse conceito é análogo aos conceitos de *frame* (FILLMORE, 1982) e Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987), ou seja, representam conjuntos estruturados e relacionados que foram convencionalizados pela experiência que retratam. Tais estruturas servem de base para o surgimento e uso de padrões linguísticos. Porém, de acordo com Langacker (2008), esses termos não são totalmente equivalentes, já que o conceito de domínios parece dar conta de níveis conceptuais básicos e não básicos, enquanto o conceito de *frame* e MCI's são aplicáveis a níveis mais complexos de organização da experiência.

Os domínios básicos, de acordo com Langacker (2008), são domínios irreduzíveis, no sentido de que não são analisáveis através de outros conceitos. Exemplos desses domínios são os seguintes: espaço, espectro de cores, frequências sonoras, temperatura, entre outros. Com essa base, a conceptualização tem um “terreno firme” para operar e dessa forma fazer emergir conceitos mais específicos. Os domínios não básicos são, justamente, domínios conceptualizados a partir da experiência básica que se tornaram mais específicos por meio de situações novas de cunho social, sensorial, emocional, intelectual e/ou temporal. As construções linguísticas possuem, em seu polo do significado, matrizes dominiais em que os domínios se sobrepõem e são submetidos a operações de perspectivação conceptual.

A perspectivação conceptual consiste num conjunto de operações da conceptualização que confere foco, proeminência, especificidade e perspectiva aos vários elementos linguístico-cognitivos que contidos nas construções para que elas exerçam adequadamente seu papel discursivo.

Esquemas imagéticos

Os esquemas imagéticos, assim como os domínios, são estruturas cognitivas formadas a partir da experiência. Os esquemas imagéticos, porém, estão diretamente ligados à relação de nosso corpo com o espaço físico, mais especificamente aos movimentos, experiências sensoriais e perceptuais que repetidamente vivenciamos ao interagir com o ambiente (LAKOFF; JOHNSON, 1999). O esquema imagético utilizado na conceptualização de extensões como trajetórias é o esquema FONTE-PERCURSO-ALVO (KÖVECSES, 2006), que envolve elementos como fonte, alvo, percurso, área, ponto de referência e direcionalidade. Muitas expressões linguísticas mais ou menos abstratas são baseadas nesse esquema como expressões de movimento literal, metafórico, fictivo e até mesmo a conceptualização de eventos e situações mais complexas como a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM.

A adequação da abordagem construcionista

A partir de todos os conceitos apresentados, a visão de gramática adotada não poderia ser diferente de uma formada por modelos baseados no uso, como a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1999, 2008) e a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006). Esses modelos de gramática apresentam diferenças complementares e estão de acordo quanto à natureza das construções. Tais teorias consideram que uma língua é, na verdade, um inventário de construções que possuem forma, sentido e usos próprios, relacionadas numa rede que as interliga conceptualmente.

De acordo com Goldberg (1995), os dois polos de uma construção – forma e sentido – encontram-se internamente conectados, assim, cada componente da estrutura corresponde a um argumento na estrutura semântica. Segundo a autora, uma construção deve conter: (1) um verbo que focaliza ações específicas dentro de um *frame* através de sua valência, determinando os papéis participantes; (2) uma construção com

um padrão oracional básico e estrutura argumental que remete a cenas cognitivas básicas.

Langacker (2008) coloca que as construções surgem em eventos de uso, a partir de processos cognitivos específicos como conceptualização, categorização, metáforas e mesclagens, evocando matrizes dominiais – as estruturas conceptuais que formam polo semântico da construção. Na Gramática Cognitiva, as construções são descritas de acordo com os seguintes fatores: correspondência, perfilamento, elaboração e constituição. A correspondência permite a integração conceptual necessária para que os componentes da construção formem uma estrutura semântica coerente; o perfilamento explica a função do componente núcleo – determinante – que perfila a relação principal estabelecida entre evento e estrutura linguística; a elaboração mostra como os domínios evocados por cada componente da estrutura produzem esquemas para assegurar a coerência de sua relação com o outro componente; por último, há a constituição, que traz à tona o papel crucial do significado na formação sintática das construções.

Orações adjetivas

Ao explicar sobre estruturas complexas como orações adjetivas, Langacker (2008) traz contribuições para a interpretação cognitiva da estrutura que instancia o fenômeno do movimento fictivo no português brasileiro, já que mais de 60% delas apresentam estrutura relacionada a essas orações. O autor coloca que orações adjetivas podem ser perfiladas pelo nome a que estão relacionadas e assim fazer com que a construção como um todo se refira simplesmente a este nome, ou a oração adjetiva pode perfilar um processo, fazendo com que a construção como um todo acrescente informação nova ao nome em questão. Neste último caso, a oração se aproxima mais de uma oração coordenada do que subordinada adjetiva.

A interação de três fatores é importante para definir se a construção acrescenta ou não informação nova sobre o nome: o quanto a oração adjetiva se aproxima de ser uma oração

autônoma; o quanto seu conteúdo é novo e importante para o discurso; e o quanto nome e oração adjetiva se distanciam linearmente. Quanto mais a oração adjetiva obedece a esses três fatores, maior é a probabilidade de que ela esteja designando um processo ao invés de somente complementar o nome.

As Construções de Movimento Fictivo do Português do Brasil

No presente trabalho, o fenômeno cognitivo de movimento fictivo será descrito e analisado segundo o modo como se instancia na linguagem, mais especificamente no Português Brasileiro. Através do aporte teórico apresentado acima, com base nos pressupostos da Linguística Cognitiva e dos modelos de gramática a ela associados, será feita uma análise qualitativa e quantitativa de um *corpus* específico das Construções de Movimento Fictivo do PB, montado através de uma seleção feita em quatro *corpora* do português brasileiro. Os métodos utilizados, bem como os *corpora* selecionados serão delineados a seguir.

Metodologia

A escolha metodológica que se mostra mais pertinente e adequada a esta pesquisa é a utilização de pressupostos da Linguística de *Corpus* como auxílio metodológico. Silva (2008) ressalta a necessidade de utilizar os *corpora* para uma análise de fato estatística, baseada em métodos quantitativos de análise linguística e não somente como ilustração do aporte teórico. Tal afirmação concorda com os pressupostos dos modelos de gramática utilizados no presente trabalho que focalizam a frequência de ocorrência dos padrões linguísticos como intimamente relacionada à sua convencionalização e à sua produtividade na língua.

Os quatro *corpora* tratados do Português do Brasil utilizados para a coleta de dados foram: *Corpus* do Português (somente o excerto que corresponde aos dados do PB); *Corpus* NILC/São Carlos – Núcleo Institucional de Linguística

Computacional/São Carlos; *Corpus* NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro e C-ORAL Brasil; *Corpus* de Referência do Português Brasileiro Falado Informal (RASO; MELLO, 2012).

O *corpus* específico de Construções de Movimento Fictivo do PB, formado a partir desses *corpora*, é composto de 536 construções distribuídas, quanto ao gênero, de acordo com a tabela abaixo:

MODALIDADES	GÊNEROS	Número de Construções de Movimento Fictivo
ESCRITA 41.654.637 palavras	Notícia/Jornalístico/Revista	212
	Ficção/Literário/Ensaio	138
	Acadêmico/Texto Didático/Enciclopédia	128
ORAL 1.656.716 palavras	formal e informal Conversa/monólogo/diálogo	58
	TOTAL	536

Tabela1: Distribuição das CMF por gêneros

Para a montagem do *corpus* específico, foi necessário estabelecer etapas que permitiriam uma seleção adequada das construções. Primeiramente, foi feita a listagem dos tipos verbais mais comuns da construção, encontrados em estudo piloto feito na internet. Esses tipos foram buscados em cada *corpus* e apresentaram, em sua maioria, argumentos externos pertencentes a um grupo semântico específico, o grupo das extensões. A partir desses primeiros dados, foi feita uma lista com as extensões e verificado se apareciam com novos verbos. Após a lista de verbos incrementada, foi feita uma nova busca nos quatro *corpora*, a fim de abranger outros argumentos externos possíveis. De fato apareceu uma variedade de argumentos externos.

Ao fim das buscas, os exemplares da construção foram separados por gênero e configuração estrutural para que se iniciassem as análises pertinentes, que serão, juntamente com os resultados obtidos, tratadas a seguir.

É importante observar que, apesar da tentativa de construir um *corpus* específico das CMF balanceado, não só quanto aos gêneros, mas também quanto às modalidades oral e escrita, como apontado por Sardinha (1994), utilizamos bancos de dados que apresentaram maior quantidade de dados na modalidade escrita, como é possível observar na tabela acima. Por isso, não podemos comparar as quantidades de CMF encontradas na oralidade e na escrita.

Análise dos dados

Para obtermos as informações requeridas ao estudo, foram realizadas as seguintes ações: análise da produtividade da construção e frequência estatística de cada verbo, com os objetivos de encontrar dados do português brasileiro que corroborem com a visão de linguagem adotada; descrição da construção de forma adequada. Foi feita ainda uma análise dos verbos quanto aos tempos e formas nominais que apresentaram ao instanciar as construções. Além disso, foram coletados dados sobre a estrutura da construção como um todo (como o fato de um número considerável se apresentar em forma de oração adjetiva), e dados sobre quais são os domínios evocados, qual é sua ambientação discursiva.

Organização estrutural das Construções de Movimento Fictivo no PB

As Construções de Movimento Fictivo analisadas nessa pesquisa mostram diferentes configurações com relação à forma de apresentação no meio discursivo. De acordo com os princípios das teorias de gramática relevantes para o estudo, essas diferenças implicam diferenças no polo conceptual. Os principais padrões encontrados são os seguintes:

Padrões	Exemplos
1a. XSN YV (WSP)	(a) O complexo que vai de Sarandi a Ipanema... (b) ... o chofer parou numa rua que subia...
1b. XSN YSVcplxo (WSP)	(c) A fronteira Peru-Bolívia faz uma curva acentuada no lago Titicaca. (d) ...a rua faz uma curva...
2. XSN YV ZSN (WSP)	(e) A ciclovia, que percorre toda a extensão do parque... (f) A marginal Tietê, que corta a cidade de leste a oeste...

Tabela 2: Padrões e exemplos das CMF

O padrão 1a funciona com a possibilidade de lexicalizar ou não os sintagmas preposicionais, o que ocorre na maioria dos exemplos, sendo que, na grande maioria, esses sintagmas instanciam fonte e/ou alvo, representando os limites da referida extensão.

O segundo padrão, 1b, sendo um subtipo do primeiro, também apresenta a possibilidade de lexicalizar ou não o sintagma preposicional após o sintagma verbal, porém, nesse caso, o SP geralmente corresponde ao percurso, que se refere à área em que a extensão se localiza. Observamos também que esse padrão é formado por um sintagma verbal complexo, que consiste na utilização de um verbo suporte com um substantivo que podem ser substituídos por um verbo sinônimo. Esse padrão evoca domínios de formato e tamanho.

O padrão de número 2 tem relação com ação transitiva possuindo um sintagma nominal após o verbo, seguido ou não de um ou mais sintagmas preposicionais. A maioria das construções desse padrão, 83,54%, apresenta somente o SN após o verbo, que evoca domínios relacionados à área e percurso, indicando a localização e dimensão da extensão.

Muitas considerações são importantes sobre os padrões encontrados, quanto às diferenças conceptuais que implicam, quanto à forma que se apresentam nos enunciados e quanto aos verbos e extensões que as instanciam. Primeiramente, faz-se necessário ressaltar que, geralmente, as expressões de uma língua envolvem não somente uma, mas muitas construções, que interagem para servir às necessidades discursivas. Aplicando ao

caso estudado, observamos que as Construções de Movimento Fictivo interagem, principalmente, com construções adjetivas, o que ocorre em 60,07% das construções analisadas. Estas se apresentam como adjetivas não restritivas, ou seja, orações que perfilam um processo, acrescentando informação nova, não só ao SN, mas funcionando como uma oração autônoma.

Após a análise dos padrões das CMF encontrados, é interessante notar como as mudanças na estrutura sintática de fato interferem no polo da significação. Observamos que, apesar de evocarem uma mesma matriz dominial, os diferentes padrões tendem a focalizar domínios diferentes dessa matriz, trazendo informações conceptuais distintas ao ambiente discursivo.

O polo conceptual das CMF

Os domínios espaço, dimensão, localização, formato, posição, direção e área estão presentes no polo semântico das construções, formando uma matriz. A perspectivação conceptual imposta à matriz dominial dependerá, porém, dos termos que ocupam as posições de tema, verbo, objeto e sintagmas preposicionais.

No *corpus* específico foi possível observar que a maioria das Construções de Movimento Fictivo Direcionais focaliza os domínios *dimensão*, *localização* e *área*, pois anunciam, através de sua forma e dos termos instanciados pelos papéis participantes, características das extensões relacionadas ao seu tamanho e ao local que ocupam em determinada área, como é o caso dos exemplos:

- (1) A única estrada asfaltada de que dispomos é a que vai da costa do Benim onde estamos até a nossa capital.
(*Corpus* do Português)
- (2) (...) o arrozal se estendia por toda uma várzea (...)
(*Corpus* do Português)
- (3) (...) uma fila que ia do portão principal até a História (...)
(...) (NILC/São Carlos)

Através dos exemplos acima, podemos observar que a matriz dominial está presente, pois nos três enunciados é estabelecida uma relação espacial, que contem as noções que envolvem espaço, como localização, área, formato, entre outras. Diferentes domínios, entretanto, são focalizados e colocados em proeminência, como podemos notar no quadro abaixo, que demonstra as operações de perspectivização conceptual nos três exemplos:

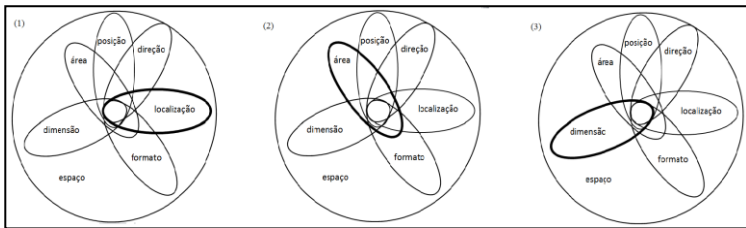


Figura1 – Representação das matrizes dominiais dos exemplos (1), (2) e (3)

No enunciado (1), o foco na matriz vai para a localização da extensão, no caso, a estrada, pois o objetivo pragmático da inserção da CMF no enunciado é dizer qual é a estrada em questão, o que foi feito em termos de sua localização. Os interlocutores que conhecem o trecho mencionado poderiam ter também uma noção da dimensão da estrada, já que sabem qual é a distância entre a fonte e o alvo. O domínio dimensão também faz parte da matriz e também é evocado juntamente com a noção espacial, porém o domínio mais proeminente, representado em negrito na figura 1, é o domínio da localização.

No caso do exemplo número (2), temos uma noção mais esquemática da dimensão da plantação, o arrozal, porém, o que é mais específico, e que é focalizado pela perspectivização conceptual, é a área coberta por essa extensão.

Uma fila é o tema do terceiro exemplo, e faz a diferença no processo de conceptualização da construção e no domínio

focalizado pela perspectivização conceptual. Numa primeira instância, poderíamos dizer que a construção (3) focaliza o domínio da localização, já que os SPs mostram os limites da extensão – portão principal e História (departamento) –, porém, no nível pragmático, o enunciado enfatiza a dimensão da fila, utilizando, para isso, os limites de sua ocupação.

As construções seguintes trazem exemplos de CMF Direcionais em que domínios de formato, posição e direção são focalizados na matriz dominial:

- (4) A fronteira Peru-Bolívia *faz uma curva* acentuada no lago Titicaca (...) (NILC/São Carlos)
- (5) (...) a alta serra que corre à direita do Paraguaçuinho. (*Corpus* do Português)
- (6) A Rodovia Castelo Branco que segue para o Oeste do Estado (...) (*Corpus* do Português)

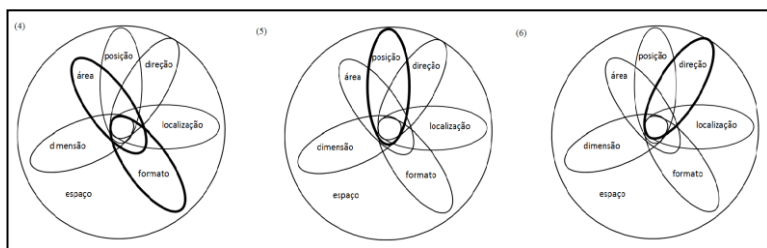


Figura2 – Representação das matrizes dominiais dos exemplos (4), (5) e (6)

No caso da CMF Transitivas, a matriz dominial de espaço evocada é a mesma. O domínio mais comum, que fica proeminente na maioria dessas construções, é o domínio *área*, como observamos nos exemplos e respectivo diagrama abaixo:

- (7) (...) da veia basílica, que percorre toda a superfície do braço. (*Corpus* do Português)

- (8) Além disso, o segmento proximal cruza tecido adiposo axilar (...) (*Corpus* do Português)
- (9) A ponte entre Rio e Niterói (...) atravessa uma das baías mais belas do mundo (...)

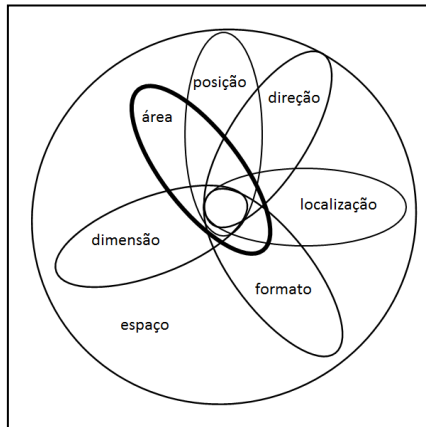


Figura3 – Diagrama representativo da matriz dominial dos exemplos (7), (8) e (9)

Produtividade e convencionalização

Cada um dos padrões apresenta um grupo de verbos que os instancia, como podemos observar na tabela abaixo:

Padrões	Tipos	Ocorrências	%
1a. XSN YV (WSP)	29 tipos verbais	362	67,54%
1b. XSN YSVcplxo (WSP)	6 tipos de SV complexo	10	1,86%
2. XSN YV ZSN (WSP)	16 tipos verbais	164	30,6%

Tabela3 – Tipos e ocorrências das CMF

Dos verbos observados na análise, seis ocorrem nos padrões 1 e 3, portanto, no total, a CMF apresenta uma produtividade de 45 tipos, em 536 ocorrências.

Quanto aos tempos, formas nominais e aspectos verbais, as estatísticas mostram-se coerentes com a configuração conceptual das construções: 94,42% dos verbos apresentam aspecto imperfectivo e 98,32% deles se distribuem entre presente simples (70,52%), pretérito imperfeito (22,57%), gerúndio (4,48%) e infinitivo (0,75%). Os números apresentados vêm a confirmar o perfilamento processual sem fronteira temporal definida das CMF. A interação tempo/aspecto mostra como essas construções de fato instanciam o processo da trajetória e do escaneamento visual em sua estrutura. A distribuição das construções nos tempos verbais e formas nominais pode ser observada na tabela abaixo:

Tempos Verbais Modo Indicativo	Construções de Movimento Fictivo Direcionais	Construções de Movimento Fictivo Transitivas	Total	%
Presente	247	131	378	70,52%
Pretérito Imperfeito	105	16	121	22,57%
Pretérito Perfeito	2	2	4	0,75%
Futuro do Presente	4	0	4	0,75%
Futuro do Pretérito	1	0	1	0,19%
Formas Nominais				
Gerúndio	12	12	24	4,48%
Infinitivo	1	3	4	0,75%
Total	372	164	536	100%

Tabela4: Distribuição das CMF em tempos verbais e formas nominais

Os verbos mais produtivos foram os seguintes: ir, estender-se, levar e passar, no padrão 1, representando 40,66% das ocorrências; atravessar e cortar, no padrão 2, sendo equivalentes a 17,34% do total do *corpus*. Assim, é possível afirmar que são os verbos mais convencionalizados na língua para a projeção do movimento em expressões de descrição como as analisadas no presente trabalho. De fato, é possível identificá-los como verbos

que mais se encaixam nos modelos cognitivos envolvidos na formação das CMF: o verbo “ir”, como prototípico de movimento; “estender-se”, que se adéqua ao fato de que a construção caracteriza extensões; “atravessar” e “cortar”, que já trazem subjacente a ideia de área, que é o domínio mais frequentemente evocado por seus argumentos SN nas CMF – Transitivas.

Dimensão discursiva das Construções de Movimento Fictivo no PB

A visão de linguagem adotada na presente pesquisa tem como base uma interdependência entre cognição e discurso, que faz com que as construções emergentes dessa interação apresentem uma configuração simbólica, provida de um polo formal e um polo conceptual indissociáveis, forjados discursivamente. Portanto, é de extrema importância a análise da ambientação discursiva das Construções de Movimento Fictivo.

Na tabela 1, encontra-se a distribuição por gêneros das CMF e é possível perceber que a construção surge em ambientes formais e informais, nas modalidades oral e escrita. Dentro dos gêneros apresentados por cada *corpus* analisado, a construção se apresenta particularmente em tópicos referentes a turismo, geografia, urbanismo, agricultura, anatomia, construção, vestuário, explicação de rotas e arte. O que todos esses tópicos apresentam em comum é o fato de que as interações linguísticas que os envolvem giram em torno de objetos e/ou imagens que são trajetórias ou conceptualizados como tal.

A função exercida pelas Construções de Movimento Fictivo é, acima de tudo, a de descrever tais trajetórias, objetos e imagens, que precisam ser detalhadamente apresentados segundo as necessidades dos ambientes discursivos. Estes utilizam a função descritiva das CMF em contextos de explicação e instrução. Essa pressão discursiva é responsável pelo molde da construção, o que observamos através dos grupos semânticos permitidos a preencher seus espaços esquemáticos, através de aspectos de sua estrutura e de como essa formação é aceita e

compreendida pelos usuários da língua, ainda que apresente aparente incoerência: uma cena estática como tema de verbo de movimento. Várias características de apresentação estrutural das CMF demonstram a conexão entre função discursiva e configuração linguística, tais como: tempo e aspecto verbal predominante, indicando o processo de escaneamento visual, a interação com construção adjetiva na maioria dos casos e também o preenchimento do argumento externo do verbo, por extensões que configuram trajetórias, objetos conceptualizados como trajetória ou imagens.

Conclusão

Com os resultados demonstrados pela análise dos dados da presente pesquisa fica cada vez mais clara a aproximação de um modelo de língua que abrange os domínios cognitivo e discursivo, de forma a prover uma base teórica mais adequada e suficiente à descrição das construções linguísticas.

Os pressupostos da Linguística Cognitiva e dos Modelos de Gramática Baseados no Uso aqui utilizados foram de imprescindível utilidade na presente descrição. Este trabalho acrescenta aos aspectos teóricos adotados, através de estudo baseado na metodologia da Linguística de *Corpus*, uma análise realizada através de um número significativo de construções em contextos reais de uso da língua, retiradas de *corpora* tratados devidamente para esses fins. Somente através de uma extensa análise de dados, é possível caracterizar e estabelecer o padrão formal, estrutura conceptual, dimensões pragmático-discursivas de uma construção.

Através dessa análise foi possível perceber que, apesar das Construções de Movimento Fictivo apresentarem uma aparentemente incoerência semântica, possuem forma, sentido e usos próprios no Português do Brasil. Sua constituição conceptual é possibilitada pelo aporte cognitivo disponível, que serve às necessidades dos contextos de uso. Estes, por sua vez, moldam as capacidades linguístico-cognitivas da maneira que melhor se adéquam aos tópicos e funções discursivas. Conclui-se

então, que a incoerência não se estabelece para as CMF, o que endossa ainda mais a abordagem sociocognitiva da língua, mostrando o quanto o significado linguístico depende de fatores como experiência motora, sensorial e social.

Referências

CACCIARI, C. et al. Literal, fictive and metaphorical motion sentences preserve the motion component of the verb: a TMS study. *Brain & Language*, v. 119, n. 3, p. 149-157, 2011.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. In.: The Linguistic Society of Korea. *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137.

GALLESE, V.; LAKOFF, G. The brains concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. *Cognitive Neuropsychology*, v. 21, p. 1-11, 2005.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

JOHNSON, M: *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z. *Language, mind and culture*. New York: Oxford University Press, 2006.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar Vol. 1: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. Virtual Reality. *Studies in the Linguistic Sciences*, v.29, n.2, p. 77-103, 1999.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. 2. ed. Chicago-London: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

PASCUAL, E. Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar. *Cognitive Linguistics*, vol. 17, n. 2, p. 245-267, 2006.

RASO, T.; MELLO, H. *C-ORAL Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ROCHA, L. F. M. *A autocitação fictiva: abordagem sociocognitiva de um tipo de fictividade discursiva em Português Europeu e Brasileiro*. 2011. 185 f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral) – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2011.

SARDINHA, T. B. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

SILVA, A. S. Integrando a variação social e métodos quantitativos na investigação sobre linguagem e cognição: para uma sociolinguística cognitiva do português europeu e brasileiro. *Estudos da linguagem*, v. 16, n. 1, 2008, p. 49 – 81.

TALMY, L. *Language and Space*. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Massachusetts: Harvard University Press, 2005.

